

Jorge, Lídia (1946): *Leão Velho* (incluído no volume *O Belo Adormecido*, 2004)

O conto “Leão Velho” é mais uma obra de Lídia Jorge que explicitamente foca a problemática (pós)colonial. Desta vez, a autora mostra as consequências da mentalidade colonial no exemplo dum grupo de amigos que, após a partida de África, não se consegue livrar da nostalgia. O ridículo desta situação assenta no facto que, acima de tudo, os personagens não conseguem parar de evocar os safaris, chegando até a encenar a caça a um velho leão numa quinta portuguesa. Toda a representação da caça, aliás, baseia-se no ridículo a que são sujeitas as personagens masculinas. O fracasso da caça, no entanto, insinua algo mais para além do escárnio. É uma reflexão sobre a identidade portuguesa, as suas imagens e miragens que determinaram o fluir do passado português.

«Porreiro!» - Ouvia-se. Quando finalmente Petit regressou, já o anfitrião se tinha levantado. Os três homens estavam em pé, olhando-se sem se verem, vislumbrando alguma coisa para além deles mesmos que os tornava próximos e atados uns aos outros por um cinto de natureza indestrinçável. Um grupo de homens inseparáveis quando vistos a partir do livro pousado no regaço. Mesmo assim, era preciso dizer qualquer coisa.

O anfitrião disse -«Caro Fortaleza, você parece querer destruir este plano. Você agora está empenhado em desfazer o que fez. Então estamos conversados ...»

E os três homens sentaram-se em cadeiras de espaldar dispostas em volta da segunda mesa.

Por um momento, Fortaleza ficou imobilizado, só depois reagiu -«Destruir eu este plano? Querer desfazer o que fiz?» Não, não era verdade, ele não pretendia destruir nada, pelo contrário, e Santos Manuel sabia-o muito bem. Que ideia era aquela?

O companheiro mais forte estava surpreendido, e não era para menos. Desde há muito que os três se encontravam unidos no mesmo projecto, não só porque tinham caminhado unidos a partir do mesmo passado, como a proximidade de ideias e pensamentos continuava a colocá-los diante de metas idênticas. Os três tinham vindo da mesma experiência longínqua ocorrida em territórios amplos, lá onde a vida merecia a pena ser vivida, com tudo o que de melhor existe na Terra, em termos de dimensão, desafio e grandeza. E a esse propósito, quando falavam, eles só proferiam a breve palavra *lá*, porque se recusavam a referir o nome de países definitivamente estrangeiros, que então faziam parte de uma só unidade indivisível, e por isso não só se recusavam a nomear

esses países, como a região e até o continente onde tudo isso se passava, de ofendidos que estavam. Ainda que também não nomeassem essa ofensa, para não credibilizarem a realidade que a criara. Às vezes pensavam. Não queriam pensar. Mas vinha-lhes à cabeça a configuração da cidade onde os três se tinham conhecido e vivido, a cidade com seus portos orientais, seus guindastes de braços alçados, seus mercados indígenas coloridos, e seus bairros de caniço perfumados. E havia o banco. Por vezes pensavam no banco. Não queriam pensar. Pensavam. Fora esse banco nacional ultramarino, cujo nome também se recusavam a proferir, que afinal os unira, na altura em que já não eram solteiros mas eram livres. Em posições diferentes, já se vê. Santos Manuel, o anfitrião, fora o director desse banco, enquanto Fortaleza tinha sido um funcionário de base, uma pessoa que vivia diante da caixa a contar as notas com os dedos molhados em almofadas de esponja, unidade atrás de unidade, até os dedos ficarem gretados. Petit havia sido um funcionário intermédio, muito mais próximo do director, no interior da pirâmide de que faziam parte, mas o que os unira não fora o local do trabalho, fora alguma coisa bem exterior à realidade bancária. O que os tornara próximos como se fizessem parte de um clube secreto com sua iniciação, juramento, segredo e missão, havia sido o safari. Dois, três, cinco, vinte safaris que haviam ficado definitivamente gravados nas suas vidas. Os safaris, com os percursos, as cargas, as tendas, as fogueiras, as coutadas, de que haviam fixado os nomes como se fossem quintas de família, e de que no entanto, passado todo este tempo, se recusavam a falar. Nem lembravam. Só involuntariamente lembravam. Como se além de homens fossem também plantas sarmentosas, cujos caules e raízes em parte estivessem *lá*. E por isso era injusta a insinuação do ex-gerente, Dr. Santos Manuel da Veiga, ao ex-funcionário de base, João Fortaleza. Como homem que havia contado um número infinito de notas, e conhecera nos últimos momentos vividos *lá*, o que fora o roubo, a vilania, o saque, a ignomínia, e ficara a conhecer a natureza humana, mil vezes mais vil do que a dos bichos, conhecedor de tudo isso, agora, só porque queria proteger o projecto, é que receava a chantagem. Uma chantagem que se não fosse cortada cerce, bem poderia avolumar-se passando da chantagem sobre a pernoita, à chantagem sobre o segredo da operação do dia seguinte. Que o desculpassem, o doutor e Orlando Petit, mas ele era um homem marcado exactamente por isso, pela chantagem. E que desculpassem também se entrava na zona da cólera, mas não admitia que pessoas que se diziam honestas, faltassem à palavra, praticassem o roubo e a extorsão, como norma, tal como vira *lá*, tanto da parte dos que partiam quanto dos que ficavam. Afinal fora ele quem tinha falado com o administrador da Herdade da Silveira, fora ele quem havia combinado a pernoita apenas por cinquenta contos, e já achava uma generosidade, e por um aproveitamento da situação irregular

em que se encontravam, estavam a pô-los de rastos. Fortaleza via turvo, imaginava logo esses anos que não nomeava, o saque que também não nomeava, e ficava transtornado. E por isso pedia desculpa a ambos, mas que não duvidassem de que se encontrava de alma e coração com aquele projecto. Não iria reproduzir, no entanto, tudo o que lhe acudia à cabeça, naquela situação. Apenas iria dizer a Petit e Santos Manuel - «Desculpem, já aqui não está quem falou. Eu só faço o meu papel, eu aviso...»

«Fale mais baixo.»

«Desculpe.»

A tarde descia imponente, os pássaros voando sobre a lagoa faziam parte dessa imponência, desenhando círculos no espaço. A ilusão de que a Natureza emite sinais decifráveis criava a ideia de que os patos-reais chamavam para o movimento. Os três homens seguiam em silêncio o trajecto das aves. Às vezes, quando chegava o Outono, era sobre elas que treinavam os dedos. Orlando Petit acabou por dizer - «Estou convencido que em matéria de contas, o assunto já está encerrado. Não ouviram há bocado eu falar com os tipos? Agora vamos mas é pensar no dia de amanhã, no animal a surgir ao fundo, no doutor a aproximar-se, a aproximar-se, no bicho a olhar de frente, no bicho a ganhar alento, a fazer o seu reconhecimento, a atravessar o campo na direcção da água, e o doutor a atirar. Bum! Ouço o segundo bum, bum, e o baque do bicho, primeiro ajoelhado, depois o corpo pesadão a cair por terra. Como *lá*, no tempo em que nós estávamos *lá*, os três ...»

(JORGE, Lúcia. *O Belo Adormecido*. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 184–186)

Atividades:

1. Descreva a mentalidade das personagens.
2. Comente a dimensão simbólica da caça ao leão.